

# **Subsídios para análise de uma Teologia Mateana.**

Felinto Pessôa de Faria Neto

Graduado em Teologia

Professor no Colégio Batista Shepard

**Resumo:** Este artigo propõe que se observem critérios para a leitura do Evangelho de Mateus. Precisa-se estar atento as dinâmicas históricas e sociais do texto. Desta forma, necessita-se articular os elementos que constituem o Evangelho, tais como: a formação de sua comunidade; a realidade dessa comunidade dentro do contexto de dominação do Império Romano na Palestina, autoria e localidade. Enquanto pressuposto heurístico há necessidade de problematizarmos nossas fontes para não reproduzirmos apenas o que a letra impressa nos informa, para isso devemos escavar o texto; aproximando-nos dele para ouvi-lo.

**Palavras-chave:** Evangelho de Mateus, comunidade mateana, Império Romano, autoria e localidade.

**Abstract:** This paper suggests that one must observe certain criteria for reading the Gospel of Matthew. One must be attentive to historical and social dynamics of the text. Therefore, it is necessary to articulate constituting elements of the Gospel, such as: formation of its community, the reality of this community inside the Roman Empire's domination context in Palestine, its authorship, and its locality. Concerning heuristic assumptions, there is need for problematizing our sources so that we won't reproduce only what printed words tell us, so we must go beyond by exploring the text, getting closer to it to get it.

**Key-words:** Gospel of Matthew, Matthean Community, Roman Empire, authorship and locality.

## **1.INTRODUÇÃO**

A Bíblia cristã possui um bloco textual composto por vinte e sete livros conhecidos como Novo Testamento (NT), com diversos autores que sistematizaram um pensamento religioso e social para sua época, de forma a atender as necessidades espirituais, realidades eclesiológicas, demandas sociais, estruturas de comportamento na fé alicerçada em Cristo,

assim como: debater problemas, questionar filosofias e diversos outros pontos, que necessitam ser analisados dentro de seu contexto histórico e cultural.

Cada autor estruturou seu pensamento, com intuito de fixar as bases filosófico-hermenêuticas deixando uma mensagem específica para seu destinatário. A partir de uma realidade social, cultural e religiosa, é que os autores do NT teceram elementos formadores para uma compreensão do Cristo, aquele que havia sido traído, morto, sepultado e ressuscitado. Estes livros foram respostas, ensinamentos e questionamentos para as comunidades do I século d.e.c.<sup>1</sup>

Precisamos ter critérios de interpretação do texto para abstrairmos seu conteúdo de forma imparcial, sem darmos justificativas a denominação ou tradição, e sim, à constante busca de fidelidade ao texto.

Nessa perspectiva devemos: (i) fugir dos anacronismos; (ii) não teologizar a história; (iii) não alegorizar o texto; (iv) fazer teologia a partir da história e de seus fatos sociais e culturais.

## **2.COMUNIDADE MATEANA**

Esta comunidade, como qualquer outra, possui a tarefa de explicar suas experiências e convicções com intuito de criar procedimentos que ajudassem a protegê-la de forças externas, como também internas, que viessem promover desordem.

Mateus se encontra dentro do cenário do I Século d.e.c. por volta da década de 90. Tendo recebido forte influência para composição do seu Evangelho de dois fatores: a destruição do Templo em 70 d.e.c. e como se processou o imperialismo romano na Palestina.

Com a destruição do Templo, vários grupos judaicos<sup>2</sup> chamaram para si a responsabilidade de interpretar a lei, assim, promoveram uma síntese judaica com finalidade de (re)organizarem o entendimento da lei (Torah), construindo uma identidade e ortopraxia para os judeus, com intuito de orientar o povo mediante impacto da destruição do Templo.

Ao fazer sua síntese teológica, Mateus se depara com um grupo religioso que mais se evidencia, os fariseus, que promovem um judaísmo formativo.<sup>3</sup> O Evangelho narra como Mateus faz severa oposição a esse grupo.

Havia uma pluralidade de movimentos judaicos, que podem ser visualizadas nos textos produzidos que compreendem aproximadamente quatro séculos – II a.e.c.<sup>4</sup> até II d.e.c. Uma

---

<sup>1</sup> Depois da era cristã.

<sup>2</sup> Saduceus, Essênios, Zelotas, Fariseus, a própria comunidade mateana, etc.

<sup>3</sup> Nomenclatura utilizada por Jacob Neusmer.

comunidade não se estabelecia apenas em dados socioculturais, mas também e principalmente sobre a construção de um *ethos* religioso, que iria afirmar quem era essa comunidade. Desta forma, o *modus vivendi* e o *ethos* religioso eram realidades inseparáveis.

[...] o judaísmo do I século deve ser visto como um fenômeno plural, multifacetário e marcado por diversos movimentos que conviviam em tensão político-teológica. [...] o evangelho de Mateus é parte desse processo, ou seja, ele é uma das expressões de fé judaica que compõem este mosaico teológico do I século. O evangelho não pode ser lido à parte do mundo judaico, mas como uma de suas facetas.<sup>5</sup>

A matriz cultural e religiosa de todos os grupos é judaica. Porém, sem o Templo, essas comunidades aplicavam a lei conforme o entendimento do grupo.

O Evangelho de Mateus é um dos paradigmas dentro desse contexto. É uma narrativa de judeus que defendem a lei; acreditam que o messias veio não para revogá-la, mas sim cumpri-la. Eles não têm o interesse de iniciar um movimento religioso de ruptura com o judaísmo, porém, acreditam no homem divino<sup>6</sup> Jesus, mas não se vêem e nem se identificam como cristãos, e sim Judeus, assim como Jesus o era.

Nesse contexto, o cenário era de judaísmos competitivos, a autoridade se baseava em quem entendia e interpretava a Torah e quem estava capacitado em conduzir o povo de Deus. Como todos os grupos se julgavam aptos, entravam em conflito.<sup>7</sup>

O Evangelho de Mateus é um dos judaísmos desse período, que reflete as tensões judaicas “e busca respondê-las com elaborações que conferem identidade ao judeu do primeiro século, em especial, o que vive em um espaço de conflito com outras interpretações da Lei e do ser judeu”.<sup>8</sup>

Por isso, Saldarani afirma que a autoria de Mateus, provavelmente é de um judeu que se identifica como membro de uma comunidade judaica, apoia e obedece a lei judaica, conforme a orientação de Jesus.<sup>9</sup>

---

<sup>4</sup> Antes da era cristã.

<sup>5</sup> GARCIA, Paulo Roberto. *O sábado do Senhor teu Deus. O Evangelho de Mateus no espectro dos movimentos judaicos do I século*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (Tese de doutorado), 2001. p.8.

<sup>6</sup> Sempre há um agente divino que revelou a vontade de Deus para a comunidade baseado na lei. Sua interpretação e aplicação da escritura reforçam sua figura e assegura a comunidade como exclusiva. Essas comunidades interpretavam o cenário político e social de sua história como vingança divina para a maioria infiel a Deus, cabendo à salvação para os justos membros de uma comunidade sectária. O Evangelho de Mateus aponta esse homem divino como sendo Jesus, que reinterpreta a lei, ensinando-a ao povo.

<sup>7</sup> OVERMAN, J. Andrew. *Igreja e Comunidade em Crise – O Evangelho Segundo Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1999.p.8.

<sup>8</sup> GARCIA, Paulo Roberto. *Op. Cit.* p.18.

<sup>9</sup> SALDARANI, Anthoni, J. *A Comunidade Judaico-Cristã de Mateus*. São Paulo:Paulinas, 2000. p.42.

O judaísmo formativo, formado por fariseus, tinha a sinagoga como espaço para ministrar ensinamentos e culto. Já a comunidade mateana se reunia na *ekklesia*. O uso do termo *ekklesia* evidencia um distanciamento da comunidade mateana da *synagoué* de uso judaico. As comunidades estruturaram seus espaços cúlticos-sociais para afirmarem o entendimento e a aplicação da lei. À medida que esses espaços foram se estruturando, o processo de cisão foi intensificando-se, ao ponto que, num dado momento histórico ocorreu uma completa ruptura irreconciliável entre esses judeus.

A palavra *ekklesia*, dentro dos evangelhos, só aparece em Mateus.<sup>10</sup> É um dado interessante, pois demonstra uma ruptura com as estruturas judaicas majoritárias, ao mesmo tempo em que organizam espaços para administrarem as dinâmicas de seu grupo.

A formação e estabelecimento de uma comunidade judaica-mateana ocorre independente se há ou não a palavra *ekklesia* no Evangelho. Não podemos entender que há formação de uma comunidade só pelo fato de constar essa palavra, o movimento é ao contrário, essa palavra ocorre porque foi opção dessa comunidade usá-la.

O Evangelho de Mateus é uma resposta ao ambiente em que foi elaborado. No caso dessa comunidade vemos o conflito com o judaísmo formativo, ambos “são dois movimentos emergentes, entre vários envolvidos no processo de definição e consolidação em uma sociedade que estava fragmentada e dividida depois das convulsões sociais associadas ao período romano na Palestina”.<sup>11</sup>

Aproximar-se do evangelho de Mateus como uma unidade narrativa [...] significa concentrar-se na história como ela é narrada. Quando lemos a narrativa mateana, temporariamente abandonamos a realidade do nosso mundo e entramos em outro mundo que é autônomo e que possui suas próprias regras. Esse mundo, que possui seu próprio tempo e espaço, é repleto de personagens e marcado por eventos que, em graus variados, são exaltados ou desprezados de acordo com os sistemas de valores desse mundo. Ao adentrá-lo temos experiências nele, e experimentando-o, saímos e retornamos, talvez mudados, para nosso próprio mundo.<sup>12</sup>

Fica evidente a recorrência de Mateus em utilizar a lei mosaica como base para suas reflexões, afinal, se falava para judeus, nada melhor do que usar uma estrutura de pensamento conhecida e aceita pelos judeus. De forma pedagógica, facilitava a compreensão para instruir os membros de sua comunidade. Por isso, “Mateus retratava a Jesus como um novo e maior Moisés.<sup>13</sup> Tal como Moisés, Ele proferiu parte de Sua lei em um monte”<sup>14</sup> assim como

---

<sup>10</sup> KITTEL, Gerhard (editor). *Theological dictionary of the New Testament*. Translator and editor: Geoffrey W. Bromiley. Volume III Michigan: 1965. p.504.

<sup>11</sup> OVERMAN, J. Andrew. *O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo. O mundo social da comunidade de Mateus*. São Paulo: Edições Loyola, 1997. p.15.

<sup>12</sup> FERREIRA, João Cesário Lonel. Artigo: *Ciências Sociais, Teoria Literária e o Evangelho de Mateus. História da pesquisa europeia e norte-americana*. Oráculo, São Bernardo do Campo, 4.7, 2008. p.13.

<sup>13</sup> O paralelo de Jesus com Moisés pode ser observado em várias passagens: i) “Ouvindo, pois, Faraó este caso, procurou matar a Moisés; mas Moisés fugiu de diante da face de Faraó, e habitou na terra de Midiã, e assentou-

utilizava o Pentateuco em seu ensinamento.<sup>15</sup> A comparação que este Evangelho faz entre Jesus e Moisés é evidenciado no empréstimo de frases da história de Moisés ao narrar a vida de Jesus.

Mateus deve ser lido e compreendido no contexto que a comunidade mateana reflete hostilidade contra a liderança judaica e a Palestina é uma colônia de Roma.

Este Evangelho reforça que seus ideais estão alicerçados em lastros de uma tradição, que não violam a lei, mas a interpretam, buscando aplicá-la de forma correta. A identidade de uma comunidade era fator decisivo para se afirmarem em meio aos seus oponentes.

A comunidade de Mateus, como qualquer outra, tinha a necessidade de explicar suas experiências e sobre quais perspectivas estavam fundadas suas tradições e regras de fé. Isso servia para firmarem uma identidade e fortalecerem suas crenças.

Esta comunidade retratava assuntos cotidianos visando desenvolver dinâmicas próprias para regerem sua estrutura social, assumindo padrões de comportamento como forma de resposta aos problemas que a comunidade se confrontava regularmente.

Este embate está dentro de um cenário onde vários movimentos religiosos brigavam para ter maior controle/aceitação no período posterior a 70. Desta forma, tanto o judaísmo formativo quanto o de Mateus estão em ampla disputa para se afirmarem em uma sociedade desestruturada pelos problemas sociais relacionados ao período romano na Palestina, tendo com fato trágico dessa dominação a destruição do Templo de Jerusalém em 70.

---

se junto a um poço.” (**Êxodo 2:15**) – “E, tendo eles se retirado, eis que o anjo do Senhor apareceu a José em sonhos, dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e demora-te lá até que eu te diga; porque Herodes há de procurar o menino para o matar.” (**Mateus 2:13**); ii) “Disse também o SENHOR a Moisés em Midiã: Vai, volta para o Egito; porque todos os que buscavam a tua alma morreram. Tomou, pois, Moisés sua mulher e seus filhos, e os levou sobre um jumento, e tornou à terra do Egito; e Moisés tomou a vara de Deus na sua mão.” (**Êxodo 4:19-20**) – “Dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel; porque já estão mortos os que procuravam a morte do menino. Então ele se levantou, e tomou o menino e sua mãe, e foi para a terra de Israel.” (**Mateus 2:20-21**); iii) “E aconteceu que, descendo Moisés do monte Sinai trazia as duas tábuas do testemunho em suas mãos, sim, quando desceu do monte, Moisés não sabia que a pele do seu rosto resplandecia, depois que falara com ele.” (**Êxodo 34:29**) – “E transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz.” (**Mateus 17:2**); iv) “O SENHOR teu Deus te levantará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis;” (**Deuteronômio 18:15**) - “E, estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu. E da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é o meu amado Filho, em quem me comprazo; escutai-o.” (**Mateus 17:5**). **BÍBLIA**. Português. **Bíblia de Estudo Esperança**. São Paulo: Vida Nova, 2000. (todas as demais referências bíblicas serão dessa mesma obra).

<sup>14</sup> GUNDRY, ROBERTO. *Panorama do Novo Testamento*. Trad. João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova. 2 ed., 2007.p. 93.

<sup>15</sup> a) “Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo.” (**Mateus 5:21**). b) “Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério.” (**Mateus 5:27**). c) “Também foi dito: Qualquer que deixar sua mulher, dê-lhe carta de desquite.” (**Mateus 5:31**). d) “Outrossim, ouvistes que foi dito aos antigos: não perjurarás, mas cumprirás os teus juramentos ao Senhor.” (**Mateus 5:33**). e) “Ouvistes que foi dito: olho por olho, e dente por dente.” (**Mateus 5:38**). f) “Ouvistes que foi dito: amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo.” (**Mateus 5:43**).

Esses versículos demonstram com o autor de Mateus teve como fonte, a história do Pentateuco para redigir seu Evangelho.

Esses dois judaísmos, o de Mateus e o formativo estão dentro da mesma estrutura histórica e ambiente cultural, por isso, possui semelhanças, entretanto eles preferem afirmar as diferenças.<sup>16</sup> “Com frequência, definem-se um em relação à oposição do outro [...] O judaísmo de Mateus e o judaísmo formativo são talvez, o primeiro capítulo da longa e difícil separação desses irmãos gêmeos fraternos, cristianismo e judaísmo”.<sup>17</sup>

No contexto específico do final do século I, Mateus e os vários grupos judaicos da época, procuravam se estabelecer como a forma única de judaísmo válido. Com a destruição do Segundo Templo em 70 d.C., os judeus viram-se numa situação de plena desesperança: como viver agora sem o mínimo de normatividade? [...] Por isso, as diversas comunidades judaicas desse tempo desejavam se firmar com a única capaz de direcionar a vida judaica, criando uma espécie de síntese judaica pela qual os judeus pudessem se manter unidos e se identificar ainda como o povo eleito e distinto de outras nações. O judaísmo mateano pensa ter a resposta para tais indagações.<sup>18</sup>

Escrevendo entre judeus e para judeus, Mateus procura mostrar como sua comunidade era formada e qual sua finalidade – formular o judaísmo na pessoa de Jesus. “[...] o judaísmo proposto por Mateus encontra em Jesus seu ponto de referência e centralidade”.<sup>19</sup>

Ao longo da história, aos que pertenceram a comunidade mateana foram substantivados de cristãos. Cabe ressaltar que eles não se denominavam como cristãos e sim como judeus, desta forma, o conflito da comunidade mateana com o judaísmo formativo e demais grupos é evidentemente entre judeus.

### **3.MATEUS E O IMPÉRIO ROMANO**

O impacto da dominação imperial romana e as tentativas dos governantes dependentes de integrar a Palestina na economia romana ameaçaram a viabilidade de continuação do modo de vida tradicional na Galileia e Judeia. Formou-se “uma paisagem híbrida materializada pela criação de novas formas de relação social”.<sup>20</sup>

O Império Romano incluía ao domínio efetivo do território conquistado, rotas comerciais que possibilitavam o fluxo de produtos para a metrópole imperial. Por isso, os líderes romanos da República tardia justificavam o domínio militar e político sobre outros

---

<sup>16</sup>OVERMAN, J. Andrew. *Op. Cit.* (1997) *Passim*.

<sup>17</sup>*Ibidem*. p.16.

<sup>18</sup>GOMES, João Batista. *O judaísmo de Jesus. O conflito Igreja-sinagoga no Evangelho de Mateus e a construção da identidade cristã*. São Paulo: Loyola, 2009. p.12.

<sup>19</sup>*Ibidem*. p.17.

<sup>20</sup> MENDES, Norma Musco. Romanização e construção da passagem imperial no sul da Lusitânia. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p. 232. *In: Phoênix, Laboratório de História Antiga/UFRJ. No XII – 2006.*

povos, para satisfazer as necessidades e benefícios econômicos da população da metrópole imperial.

Norma Musco Mendes sintetiza as abordagens teóricas em relação à historiografia sobre o Império Romano em três tipos:

**1. Metrocêntrica:** busca paradigmas explicativos para a expansão territorial, analisando as interações da formação dos impérios e as transformações das estruturas socioeconômicas, políticas, administrativas, militares, jurídicas, ideológicas e culturais da sociedade imperial. [...] **2. Pericêntrica:** composta pelos estudos que enfocam principalmente o papel das comunidades dominadas e limítrofes na tipologia de domínio do sistema imperial [...] Procura analisar os estágios de complexidade social das populações dominadas antes, durante os contatos iniciais com o centro de poder em expansão e depois da dominação imperial. [...] **3. Sistêmica:** esta vertente historiográfica pretende explicar a formação do império de uma forma holística, incluindo conquistadores e conquistados num amplo e complexo sistema mundial [...] assim é, um instrumento de análise plausível para o estudo das questões relacionadas com as condições de formação, manutenção e reprodução do sistema de domínio imperial.<sup>21</sup>

A manutenção e estabelecimento de uma estrutura imperial não se davam meramente através da coerção política com vias econômicas, pois envolviam dinâmicas amplas para a consolidação imperial. Dentro desse espectro de dominação, precisa ser analisado o diálogo/influência da concepção de reino manifestada por César em relação ao Reino de Deus pela comunidade mateana. Esse é um assunto extenso e não cabe ser tratado nesse artigo.

Os judeus e galileus ainda que estivessem sobre uma severa dominação do Império Romano buscavam sua independência e defesa do seu modo de vida tradicional.

A principal razão por que os galileus e os judeus perseveraram tão persistentemente em sua revolta contra o domínio imperial romano foi a robustez do espírito de resistência ao domínio estrangeiro opressor entranhado na tradição israelita. As verdadeiras origens do povo estavam na libertação de Israel, por obra de Deus, da escravidão de faraó do Egito, um evento narrado repetidamente na história do êxodo e celebrado anualmente na Páscoa.<sup>22</sup>

Israel vivia imerso na opressão. O povo era subjugado por uma estrutura que os desumanizavam, por isso, iniciativas de movimentos de reação começaram acontecer em forma de terrorismo, pois não havia um canal de comunicação onde pudessem apresentar suas queixas e demandas. A população reagia, mas os dirigentes locais não davam atenção, pois estavam à mercê das estruturas de dominação e poder. “Os governadores romanos haviam

---

<sup>21</sup>*Ibidem*. pp. 233-234. (Grifo meu).

<sup>22</sup> HORSLEY, Richard A. *Jesus e o império: O Reino de Deus e a nova desordem social*. Trad. Euclides Luiz Culloni. São Paulo: Paulus, 2004. p.43.

liberado suas forças militares para controlar tanto protestos urbanos pacíficos, como movimentos desarmados nos sertões, liderados por profetas populares”.<sup>23</sup> Com a aristocracia sacerdotal de Jerusalém colaborando com o Império Romano, a dominação parecia mais severa.

Ao fazer essa análise precisamos superar a dualidade entre religião e assuntos político-econômicos. A mensagem do Reino de Deus não se restringe apenas na esfera religiosa, mas também abrange dimensões da realidade humana e de como estavam as condições sociais na Palestina. “A série de episódios em que Jesus exorciza demônios e as discussões em torno do significado dos exorcismos de Jesus nos evangelhos mostram que é precisamente por meio dessa prática de Jesus que o Reino de Deus está derrotando o domínio romano”.<sup>24</sup>

Assim, os exorcismos de Jesus, suas curas, multiplicação e distribuição de comida não exerciam as funções de um mago comum, pois Jesus pretendia estabelecer a renovação do povo de Israel.

Ao fazermos uma leitura do Evangelho de Mateus, caso não se leve em conta a relação que essa comunidade judaica na Galileia tinha com o Império Romano, poderá haver desvios de entendimento pela falta do conhecimento do contexto histórico. Precisa-se perceber como se manifestavam as relações entre o império dominante e o povo subjugado e como se processou os conflitos e tensões, que não podem ser analisados apenas como contatos culturais ou aculturação.

A relação entre impérios e povos subjugados é de poder em dimensões inter-relacionadas, mas analiticamente distinguíveis em aspectos econômicos, políticos e culturais. Comumente, para a maior parte dos estudos bíblicos o campo econômico é ignorado. “A exploração econômica por impérios antigos incluía o comércio e a matéria-prima, mas centrou-se principalmente na cobrança de tributos em benefícios dos grupos governantes dominantes”.<sup>25</sup>

O Império Romano, além da exploração econômica, aumentou o contingente de escravos e anexou novas conquistas ao seu império. Ao lado dos tributos, os romanos cobravam numerosas taxas de pedágio e alfândega. Os cobradores de impostos mencionados nos evangelhos eram provavelmente os cobradores dessas taxas.

Os efeitos da exploração imperial começavam a derrubar a infraestrutura socioeconômica tradicional em que a sociedade estava alicerçada.

---

<sup>23</sup>*Ibidem.* p.49.

<sup>24</sup>*Ibidem.* p.105.

<sup>25</sup> HORSLEY, Richard A. *Jesus e a espiral da violência*. Resistência judaica popular na Palestina Romana. Trad. Monika Ottermann. São Paulo: Paulus, 2010. p. 5.

O que mais fundamental e significativo para seu impacto em outros aspectos foi a pressão econômica sobre o campesinato, provocada pelas taxas e tributos e pela vida econômica da crescente monetarização. Os camponeses ficavam cada vez mais endividados, e isso provocava a perda de suas terras, que eram a base de sua subsistência econômica e seu lugar na estrutura social tradicional [...] enquanto os produtores camponeses, até então independentes e orgulhosos, perdiam não só sua terra e seu *status*, mas também seu auto respeito ao se tornarem meeiros, diaristas ou simplesmente vagabundos <sup>26</sup>

A Galileia <sup>27</sup> retratada nos evangelhos é uma sociedade de esmagadora pobreza, onde poucos ricos desfrutavam das benéncias que a denominação imperial lhes promovia.

Ainda que certas camadas resistissem ou tentassem renovar o modo de vida tradicional, a aristocracia dominante teria forte interesse em manter o *status quo*.

Dentro do imaginário religioso judeu, se a lei judaica não fosse seguida, o povo estaria sujeito as maldições. Assim, a desgraça, insucesso, doença ou pobreza eram sinais de uma punição justa. É o caso de uma violência psicológica ou espiritual. Promover e disseminar esse conceito religioso, de que o sofrimento advém do pecado era uma forma de acusar as vítimas da violência estrutural. O Império Romano juntamente com os sacerdotes do Templo (até 70) implementaram dominação e coerção, em níveis psicológicos e pelo poder da espada.

Na estrutura de opressão que causou o declínio do campesinato judaico, podemos perceber como o sistema gerava sua própria oposição na espiral da violência. A pressão econômica deixou muitos camponeses numa situação desesperada. Muitos eram expulsos de suas terras e, sendo uma população rural excedente, obrigados a encontrar alguma outra fonte de sobrevivência. A conexão com a escalção do banditismo social parece óbvia. No entanto, as tentativas dos governadores romanos de reprimir o banditismo crescente serviam somente para levar mais camponeses à resistência ativa ao regime e para diminuir a legitimidade que a classe governante ainda possuía na opinião do povo. Dessa maneira, a violência estrutural da injustiça e opressão na Palestina Romana estava semeando as sementes tanto de resistência como finalmente de sua própria suscetibilidade e um desafio de maior caráter genuinamente revolucionário. <sup>28</sup>

Faz-se importante verificar no discurso dos evangelistas ou na literatura apocalíptica judaica a compreensão de um mundo vivencial, da sociedade e da história, como contexto de vida pessoal e comunitária. Para isso, temos que quebrar o paradigma de leitura e interpretação da Bíblia, como se o único assunto tratado fosse a vida religiosa. Ainda mais

---

<sup>26</sup>*Ibidem.* p.10.

<sup>27</sup> Espaço geográfico onde situamos a comunidade mateana.

<sup>28</sup>*Ibidem.* p. 36.

quando trabalhamos com sociedades históricas tradicionais, onde não havia separação da vida em áreas distintas como religião, política e economia.<sup>29</sup>

#### 4. MATEUS, QUEM TU ÉS?

Mediante documentos ao longo da história da Igreja, a autoria do Evangelho em epígrafe é atribuída a Mateus. As fontes que corroboram essa teoria advêm principalmente de quatro pais da igreja: Papias, Irineu, Orígenes e Eusébio de Cesareia.<sup>30</sup>

Eusébio de Cesareia (263-340 d.e.c.) em sua obra *História Eclesiástica* relata de forma indireta, o testemunho do bispo Papias de Hierápolis, que viveu entre os anos (100-150 d.e.c.) e descreveu o Evangelho segundo Mateus como sendo escrito em hebraico por um discípulo, o ex-coletor de impostos Levi/Mateus).<sup>31</sup> Esse testemunho de Papias possui uma intenção apologética determinado por uma cadeia traditiva que permite recuperar a história autêntica sobre Jesus.<sup>32</sup>

Posicionamentos de autores antigos que atestam a autoria deste Evangelho como sendo de Mateus:

A. Irineu (130-200) (*Adv. Haer 3.1.1*. Também citado por Eusébio, *HE 5.8.2*): Agora Mateus trouxe entre os hebreus um Evangelho escrito em sua língua, enquanto Pedro e Paulo estavam pregando em Roma e fundando a igreja.

B. Orígenes (185-254) (citado por Eusébio, *HE 6. 25,3-4*) afirma: Entre os quatro Evangelhos, que são os únicos indiscutíveis na Igreja de Deus debaixo do céu, eu aprendi pela tradição que o primeiro foi escrito por Mateus, que já foi um coletor de impostos, mas depois apóstolo de Jesus Cristo, e foi preparado para os convertidos do judaísmo, e publicado no hebraico [ou aramaico].

C. Eusébio relata que o Evangelho de Mateus foi baseado em sua pregação aos judeus palestinos, cuja primeira língua, sem dúvida teria sido aramaico.

D. Jerônimo (342-420) mais de uma vez afirma que Mateus escreveu seu Evangelho em hebraico, e diz que não se sabe com certeza quem traduziu para o grego.<sup>33</sup>

Será que a história da igreja do II século d.e.c. é suficiente para responder a autoria? “A dificuldade de se definir a etnicidade do autor mateano e se o que o constitui é judaico ou gentílico é demasiada e certamente reflete a complexidade cultural do mundo no I século.”<sup>34</sup>

---

<sup>29</sup>*Ibidem*. p. 136.

<sup>30</sup>HALE, Broadus David. *Introdução ao Estudo do novo Testamento*. Trad. Cláudio Vidal de Souza. São Paulo: Hagnos 2001.p. 86.

<sup>31</sup>CESAREIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Trad. Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 2002.(III. XXXIX)

<sup>32</sup>KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento, vol2. – história e literatura do cristianismo primitivo*. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005. pp. 182-185.

<sup>33</sup>O Evangelho de Mateus. Disponível em:<<http://www.abu.nb.ca/courses/ntintro/Matt.htm>>. Acessado em: 24.08.2010.

<sup>34</sup>RODRIGUES, Elisa. Artigo: *Mateus, o contador de histórias*. Revista Oráculo, São Bernardo do Campo, 3.5, 2007. p.2.

Conforme Marconcini:

A crítica moderna é quase unânime em negar que a paternidade do primeiro evangelho, possa ser atribuída ao apóstolo Mateus. Uma testemunha ocular como ele, de fato, teria estruturado diversamente a narração e relato com maior vivacidade e imediatismo as palavras de Jesus; não se teria servido de fontes.<sup>35</sup>

Provavelmente, Mateus estaria associado a este Evangelho por ser alguém de destaque e respeito, ligado às tradições. Certamente acompanhou o episódio da destruição do Templo e como se deu o processo do Império Romano ao fazer da Palestina uma de suas colônias.

## 5. LOCALIDADE

Outro problema que a pesquisa bíblica, arqueológica e histórica se depara é a localização geográfica deste Evangelho. Em nossa pesquisa, o local de composição desse Evangelho ocorreu em um ambiente citadino. Existem evidências internas que Mateus se refere ao comércio que está ocorrendo em uma cidade.<sup>36</sup>

Nossa proposta é demonstrar que a cidade onde foi produzido o Evangelho de Mateus está na Galileia. E de início apresentaremos os apontamentos de Overman:

[...] essa cidade Galileia teria de conter um tribunal, por causa da polêmica contra este Evangelho, e possuir tamanho suficiente para acomodar pelo menos as duas facções concorrentes do judaísmo formativo e da comunidade de Mateus. Tanto Séforis, cinco quilômetros a noroeste de Nazaré, como Tiberíades, na costa ocidental do mar da Galileia, foram, de acordo com Josefo, sedes do Sinédrio em épocas diferentes durante o século I. Havia apenas um Sinédrio ou tribunal na Galileia e

---

<sup>35</sup> MARCONCINI, Benito. *Formação, Redação, Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2001. p.121. Com relação a essas fontes, Mateus teria usado o Evangelho e Marcos e “Q”. “Mateus teve pelo menos, outra fonte que não é encontrada em Marcos ou em Lucas. Cerca de um quinto do livro de Mateus não está em comum com Marcos e Lucas, e este material tem sido geralmente designado “M”.” HALE, Broadus David. *Op cit.* p. 90.

<sup>36</sup>(i) “Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial, e te encerrem na prisão”. (**Mateus 5:25**) – nos remete uma estrutura urbana organizada, tanto que possui profissões como *oficial e juiz* e existe um local para abrigar os detentos (prisão).

(ii) “E, entrando Jesus em Cafarnaum, chegou junto dele um centurião, rogando-lhe”. (**Mateus 8:5**) - O centurião era o soldado responsável por comandar a centúria, dando ordens que deveriam ser prontamente obedecidas pelos soldados. Dessa forma, existia a presença militar romana onde Mateus está inserido.

(iii) “Por isso o reino dos céus pode comparar-se a um certo rei que quis fazer contas com os seus servos.” (**Mateus 18:23**); “E, chegando o tempo dos frutos, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os seus frutos” (**Mateus 21:34**) – *doûlos* em grego pode significar *escravo* ou *servo*. Só o contexto nos oferece dados para usar uma palavra ou outra. Independente de qual seja a tradução, ambas (escravo ou servo) estão dentro de um ambiente onde essa força de trabalho era utilizada.

(iv) “Eu, porém, vos digo que qualquer que repudiar sua mulher, a não ser por causa de prostituição, faz que ela cometa adultério, e qualquer que casar com a repudiada comete adultério”. (**Mateus 5:32**); “Qual dos dois fez a vontade do pai? Disseram-lhe eles: O primeiro. Disse-lhes Jesus: Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no reino de Deus”. (**Mateus 21:31**) – nessas duas referências, fala-se sobre prostituição e meretrizes. *Profissão* que necessita de uma demanda para que se mantenha.

ambas essas cidades eram suficientemente grandes (por volta de trinta e quarenta mil habitantes) e sofisticadas para produzir um Evangelho como esse. Postularíamos, portanto, uma cidade Galileia, quer Tiberíades ou Séforis, como a localização mais plausível para a comunidade de Mateus.<sup>37</sup>

A Galileia é uma região que oferece paradigma de modelo para entender “as relações sociais entre os diversos movimentos do judaísmo pós-destruição do Templo na árdua tarefa de reconstruir a identidade do povo judeu.”<sup>38</sup>

Séforis ou Tiberíades eram centros urbanos edificadas para que a elite se apropriasse da produção agrícola da circunvizinhança. Parece ser uma das possibilidades mais plausíveis para explicar a origem de Mateus.<sup>39</sup>

A Galileia não é um rincão isolado do mundo onde as mudanças acontecem em ritmo extremamente lento e onde as tradições se mantêm estagnadas por gerações a fio. A Galileia teve sua cultura e suas tradições, dialogou com outras culturas, interagiu e estabeleceu sua identidade perante elas.<sup>40</sup>

Um dado histórico importante para demonstrar um *status* cidadão da Galileia, era que, esta região possuía a presença imperial através da tetrarquia romana para abrigar uma sede administrativa romana. Esta situação demonstrava que a Galileia experimentava independência administrativa de Jerusalém, assim como a presença do poder romano em terras galileias.<sup>41</sup> “O poder romano instalado na Galileia investiu em grandes obras; disputou com a elite sacerdotal e política da Judeia a influência política e a tributação; promoveu um processo de urbanização e helenização.”<sup>42</sup>

Este impacto pode ser visto a partir das pesquisas arqueológicas, destacando as diversas expedições à Séforis, as quais têm rendido um agregado de informações que mostram o impacto e o desenvolvimento de uma cultura marcada pela pluralidade. James F. Strange, descrevendo a sexta campanha da *University of South Florida* nas escavações em Séforis (1983-1989) aponta, inicialmente, o tamanho das edificações e das pedras usadas nelas para, a seguir, detalhar o tamanho que a cidade teve em diversos momentos de sua história. Ele destaca a construção, durante o período romano, de um teatro [...] construído por volta do ano 70, sendo terminado em torno de 180 e teve seu uso ativo até o IV século. Essa datação do teatro também reflete a ascensão e o declínio de Séforis. A cidade teve seu apogeu durante o período romano, e permaneceu ativa e importante até o IV século da Era Cristã. Com isso. A cidade, que se constituía a capital administrativa romana na Galileia, teve, no

---

<sup>37</sup> OVERMAN, J. A. *O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo*. p. 157.

<sup>38</sup> GARCIA, Paulo Roberto. *Op. Cit.* p.6.

<sup>39</sup> LIMA, Anderson de Oliveira. *Acumulai Tesouros no Céu: estudo da linguagem econômica do Evangelho de Mateus*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (Dissertação de Mestrado), 2010. pp. 42,43.

<sup>40</sup> GARCIA, Paulo Roberto. *Op. Cit.* p.29.

<sup>41</sup> HORSEY, Richard A. *Arqueologia, História e Sociedade na Galileia. O Contexto Social de Jesus e dos Rabis*. São Paulo: Paulus, 2000. *Passim*.

<sup>42</sup> GARCIA, Paulo Roberto. *Op. Cit.* p. 32.

período dos judaísmos do I século, um momento de glória e ascensão, colocando a Galileia onde a influência romana se fazia presente.<sup>43</sup>

Deve-se olhar para esse Evangelho buscando uma localização geográfica que corresponda à realidade socioeconômica que reflete tudo o que foi narrado. Ao assumir uma determinada localidade, precisamos olhar para uma realidade social que nos permita contemplar a pluralidade do judaísmo pós-70 com a destruição do Templo.<sup>44</sup>

## **6.CONCLUSÃO**

Comunidade mateana, Império Romano, autoria e localidade, foram os elementos apontados nesse artigo para fornecer-nos subsídios para análise teológica. Sabemos que existem vários outros, e além desses é necessário uma metodologia que seja coerente e atenda às demandas do texto bíblico.

Preconizo um método de análises diacrônicas da Bíblia, ou seja, um método que estuda os textos sob a perspectiva de sua gênese e gradativa evolução, podendo incluir vários estágios transmissivos.<sup>45</sup> Por isso a importância de um método histórico, porque lida com fontes históricas. Depois do levantamento histórico devemos problematizar nossas fontes, ou seja, emitir uma série de juízos sobre as fontes que, frontalmente irão de encontro a uma leitura alegórica da Bíblia.

## **Referências bibliográficas**

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Esperança**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

GARCIA, Paulo Roberto. *O sábado do Senhor teu Deus. O Evangelho de Mateus no espectro dos movimentos judaicos do I século*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (Tese de doutorado), 2001.

GOMES, João Batista. *O judaísmo de Jesus. O conflito Igreja-sinagoga no Evangelho de Mateus e a construção da identidade cristã*. São Paulo: Loyola, 2009

GUNDRY, ROBERTO. *Panorama do Novo Testamento*. 2 ed. Trad. João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2007.

---

<sup>43</sup>Idem. (Grifo meu).

<sup>44</sup> *Ibidem*. p.28.

<sup>45</sup> WEGNER, Uwe, *Metodologia exegética do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.p.17.

HALE, Broadus David. *Introdução ao Estudo do novo Testamento*. Trad. Cláudio Vidal de Souza. São Paulo: Hagnos 2001.

LIMA, Anderson de Oliveira. *Acumulai Tesouros no Céu: estudo da linguagem econômica do evangelho de Mateus*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (Dissertação de Mestrado), 2010.

MARCONCINI, Benito. *Os Evangelhos Sinóticos: Formação, Redação, Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2001.

SALDARANI, Anthoni, J. *A Comunidade Judaico-Cristã de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 2000.

STORNILO, Ivo. *Como ler O Evangelho de Mateus – o caminho da justiça*. 10 ed. São Paulo, SP: Paulus, 2008.

### **Obras de referência**

CESAREIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Trad. Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 2002.

HORSEY, Richard A. *Arqueologia, História e Sociedade na Galileia. O Contexto Social de Jesus e dos Rabis*. São Paulo: Paulus, 2000.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento, vol2. – história e literatura do cristianismo primitivo*. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005.

OVERMAN, J. Andrew. *Igreja e Comunidade em Crise – O Evangelho Segundo Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1999.

\_\_\_\_\_. *O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo. O mundo social da comunidade de Mateus*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

### **Dicionários e manuais**

KITTEL, Gerhard (editor). *Theological dictionary of the New Testament*. Translator and editor: Geoffrey W. Bromiley. Volume III Michigan: 1965.

WEGNER, Uwe. *Metodologia exegética do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

### **Artigos e periódicos**

FERREIRA, João Cesário Lonel. Artigo: *Ciências Sociais, Teoria Literária e o Evangelho de Mateus. História da pesquisa europeia e norte-americana*. Oracula, São Bernardo do Campo, 4.7, 2008.

RODRIGUES, Elisa. Artigo: *Mateus, o contador de histórias*. Revista Oráculo, São Bernardo do Campo, 3.5, 2007.

**Fonte eletrônica**

O evangelho de Mateus. Disponível em: <<http://www.abu.nb.ca/courses/ntintro/Matt.htm>>. Acessado em: 24.08.2010.